

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora Executiva*LUIZ ORLANDO CARNEIRO — *Diretor (Brasília)*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
**JORNAL DO BRASIL**  
 ETEVALDO DIAS — *Editor Executivo (Brasília)*

## Filme Já Visto

**D**e saída para o recesso parlamentar, a representação política brasileira parte sem saldo apreciável de conduta legislativa: não conseguiu marcar uma diferença clara com a que a antecedeu no exercício do mandato. A taxa de renovação do Congresso, na eleição do ano passado, foi interpretada como sinal de indignação do eleitorado com a conduta dos deputados e senadores, que votaram a Constituição e regrediram ao padrão político que reúne o que havia de pior nos nossos costumes.

O acúmulo de matérias na pauta atropelou a votação no final e difundiu a impressão de que os congressistas não se emendam. Só sabem trabalhar sob pressão, com tumulto e galerias cheias, quando a urgência libera a adrenalina cívica com que se movem. O espetáculo foi o filme clássico conhecido dos eleitores. Mas o que se destacou no comportamento geral do Congresso foi a confirmação de que os políticos brasileiros ainda não perceberam que o Brasil passa por uma transformação temática de que não se deram conta.

Antes de apresentar resultados que têm tempo de maturação, o governo Collor expulsou do debate as velhas teses que saíram de circulação por envelhecimento. Não há mais como desconhecer idéias que passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, que propagam um debate político de aspecto renovado. Não se fala mais dos temas que se confinaram ao nacionalismo dos anos 50 ou dos conceitos estatizantes que vigoraram nos anos 60. Foi com eles que a década de 70 confundiu os valores a partir da primeira crise do petróleo. A grande marca, econômica e política, dos anos 80 foi a crise final do socialismo marxista.

A Constituição brasileira é do final da década e, apesar da expectativa que gerou, foi concebida de frente para o passado e aprovada de costas para o futuro: a Constituinte apanhou e reuniu, com irrealismo total, tudo que já havia caducado em matéria econômica. Logo, a Constituição de 88 nasceu politicamente trôpega por estar amarrada às teses dos

anos 50 e 60, quando já estavam desacreditadas pelo socialismo e politicamente falidas.

O anacronismo histórico evidenciou a desatualização política brasileira e gerou um mal-estar político que confundiu a própria sucessão presidencial. A eleição de um candidato que propôs um programa de governo diferente do lugar-comum nacional, apresentado por um partido sem organização suficiente e sem apoios tradicionais, deu o sinal de que o Brasil não era como se pensava com o comodismo das idéias feitas. O presidente Collor não retrocedeu depois de eleito: lançou-se ao que havia prometido em praça pública. As dificuldades foram maiores do que previra. A força residual da inércia política, a resistência às novas idéias, a incapacidade de pensar objetivamente e o comodismo do lugar-comum tiveram a ilusão de que poderiam deter a modernização e inibir a propagação dos novos conceitos.

Os primeiros resultados que sinalizam a possibilidade de êxito na batalha final contra a inflação tiveram um efeito político novo. As mentes clarearam para um debate que chama os cidadãos a uma atitude diferente dos nossos hábitos preconceituosos. Os políticos, porém, estão retardando o passo como se fosse possível atrasar a História. O último espasmo do atraso se deu no esforço concentrado do Congresso para dar vazão ao trabalho acumulado antes de ir para o recesso de meio de ano. A defesa da reserva de mercado ficou como a batalha final de uma guerra que acabou antes de começar.

Os partidos e os políticos brasileiros, dentro e fora do Congresso, terão de se dar conta de uma profunda transformação que não haviam notado: acabou a classificação das nações em primeiro, segundo e terceiro mundos. O eufemismo perdeu a razão de ser depois que, com a falência do socialismo, desmoronou o segundo mundo. O terceiro-mundismo não tem mais rendimento a oferecer depois que o segundo desapareceu: A opção agora é entre o desenvolvimento e o atraso, sem subterfúgios ideológicos.